

ÁREA TEMÁTICA: ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

RESILIÊNCIA DOS DISCENTES DE ADMINISTRAÇÃO SEGMENTADOS POR FAIXA ETÁRIA, RELIGIOSIDADE E GÊNERO

AUTORES

JOELMA SOARES DA SILVA

Universidade Estadual do Ceará
joelma.soares@ufc.br

THIAGO CARDOSO FERREIRA

Universidade Estadual do Ceará
c.f.thiago@bol.com.br

FRANCISCO ROBERTO PINTO

Universidade Estadual do Ceará
rpinto@secrel.com.br

THAIS VIEIRA NOGUEIRA

Universidade Estadual do Ceará
thaisvn@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo verificar como se manifesta a resiliência dos discentes de Administração conforme os segmentos de faixa etária, religiosidade e gênero. Para consecução do objetivo proposto foi realizada, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica que forneceu o embasamento teórico necessário, seguida de uma pesquisa de campo com 361 discentes regularmente matriculados em dois cursos de Bacharelado em Administração de duas Instituições públicas de Ensino Superior (IES) localizadas em uma capital do Nordeste brasileiro. O instrumento utilizado na pesquisa de campo foi constituído de duas partes. A primeira foi composta pela Escala de Wagnild e Young (1993), traduzida e validada no Brasil por Pesce *et al.* (2005), e adaptada por Bachi (2011). A segunda parte foi constituída por questões sócio-demográficas que serviram para caracterização dos respondentes e forneceram informações para o teste das hipóteses suscitadas. Os dados foram trabalhados no *software* SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 19.0, módulos de Estatística Descritiva, Análise Fatorial, Análise de Variância (ANOVA) e Análise Discriminante. Os resultados apontaram que a adaptabilidade é o fator com maior influência na variação do nível resiliência no público investigado.

Palavras-chave: Resiliência. Discentes de Administração. Segmentação

ABSTRACT

This study aims to determine how to manifest the resilience of Administration students as segments of age, religion and gender. To achieve the objective was performed first, a literature search that provided the necessary theoretical background, followed by a field survey with 361 students enrolled in two courses of Bachelor of Administration of two public institutions Higher Education (IHE) located in a capital of northeast Brasil. The instrument

used in field research consisted of two parts. The first was composed by the scale of Wagnild and Young (1993), translated and validated in Brasil by Pesce *et al.* (2005), and adapted by Bachi (2011). The second part consisted of demographic questions that were used to characterize the respondents and provided information to test the hypotheses raised. The data were worked out with SPSS (Statistical Package for Social Sciences) version 19.0, modules Descriptive Statistics, Factor Analysis, Analysis of Variance (ANOVA) and discriminant analysis. The results showed that adaptability is the factor with greatest influence on variation in the level resilience in the public investigation.

Key-words: Resilience. Administration students . Segmentation

INTRODUÇÃO

O transcurso da vida acadêmica tem sido alvo de debate constante tanto no âmbito acadêmico como empresarial dada a importância dos seus efeitos sobre o comportamento dos discentes enquanto estudantes e, após esse período, enquanto profissionais. A preocupação de estudiosos, acadêmicos e gestores tem repousado especialmente em questões pontuais como: desempenho, permanência e evasão. Tal preocupação relaciona-se diretamente com o papel da educação superior que transpassa a capacitação, atingindo também a socialização e a visão crítica da realidade onde o formando estará inserido.

A trajetória da vida universitária é constituída de acontecimentos que envolvem as mais diversas sensações, como sucesso, empenho e esforços e, outros que acarretam decepções, frustrações e insatisfações. Esses sentimentos podem dificultar ou facilitar, de maneiras diferentes, a trajetória do estudante e, principalmente, a construção do futuro profissional. Nesse sentido Vendramini *et al.* (2004) afirmam que as dificuldades encontradas incluem desde uma incompatibilidade com o curso escolhido, caracterizando uma opção inadequada, até um rendimento acadêmico insatisfatório.

Conceber os desafios acadêmicos não é tarefa fácil, dada a subjetividade que norteia a percepção e o enfrentamento das dificuldades. É possível, então, afirmar que o comportamento do discente face aos desafios da vida acadêmica dependerá tanto de aspectos de caráter pessoal como da realidade social que o cerca. Adicione-se à dificuldade comentada o fato de que a realidade social não é objetiva, mas o resultado de percepção individual.

Tendo em vista os desafios dos discentes e seus anseios pessoais, além das exigências da sociedade pós-moderna, a resiliência é um fator que pode alterar a interpretação da realidade circundante e influir positivamente na dinâmica das construções e experiências na vida acadêmica. O processo da resiliência é classificado por Yunes (2001) como um mecanismo de enfrentamento de adversidades, ou quando um indivíduo é submetido a uma situação de estresse, e consegue superá-la.

Embora o conceito de resiliência se refira aos materiais e, portanto, pertença ao mundo da Física, o constructo resiliência pessoal é advindo da Psicologia, com extensões para os estudos organizacionais, pesquisas na perspectiva educacional e delineamentos na área do Serviço Social. Aqui, doravante, denomina-se a resiliência pessoal simplesmente como resiliência.

Sob o enfoque acadêmico, Tavares (2001) e Amparo *et al.* (2008) definiram a resiliência na dimensão acadêmica como uma característica associada à disciplina e ao bom desempenho acadêmico. Foi possível encontrar pesquisas nesse âmbito, porém percebeu-se uma ênfase apenas nos processos de gestão escolar, educação infantil e no aspecto da promoção da resiliência por parte dos professores e educadores. Portanto, diferentemente dessas abordagens, o presente estudo foca-se na resiliência dos discentes no ambiente acadêmico.

2 PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVO

Considerando as discussões supracitadas, o presente estudo visa responder ao seguinte questionamento: Como se verifica a resiliência dos discentes de Administração conforme sua faixa etária, gênero e religiosidade?

A importância de estudar características individuais que implicam em diferentes comportamentos dos discentes de Administração deve-se ao fato de estes estarem sendo preparados para, provavelmente, serem gestores e, portanto, responsáveis pelas contribuições de outros profissionais. Nessa condição, poderão influenciar de forma significativa nos rumos

das organizações, de acordo com sua forma de reagir às externalidades e às contingências da sociedade. O conhecimento do nível de resiliência dos futuros administradores faz-se importante pelo potencial subsídio em contribuir para um melhor entendimento de um comportamento futuro nas organizações.

A escala de resiliência de Wagnild e Young traduzida e validada no Brasil por Pesce *et al.* (2005), utilizada neste trabalho, já contribuiu em outras pesquisas com resultados significativos (e.g. COUTO, 2007; CATUSSO, CAMPANO, TAVARES, 2010; BACHI, 2011; ANGST, AMORIM, 2011).

A relevância do trabalho reside no fato de que não foram encontradas publicações importantes sobre o tema focado no público estudado. Além da contribuição teórica, este estudo pode subsidiar os processos seletivos das organizações, a compreensão do comportamento organizacional além de contribuir para o autoconhecimento dos estudantes de Administração.

Este trabalho está dividido em seis seções. Na segunda parte é feita a exibição de referencial teórico onde são abordados aspectos relacionados à vida acadêmica e aos desafios inerentes a ela, bem como aspectos conceituais da resiliência e sua contextualização no âmbito acadêmico. A terceira parte apresenta os procedimentos metodológicos seguida da análise dos dados, os resultados encontrados, as limitações do trabalho, bem como sugestões de novas pesquisas para o aprofundamento do assunto. Por fim, estão listadas as referências que serviram de base para este estudo.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A literatura base revisada para a fundamentação deste trabalho encontra-se organizada mediante a exploração de dois aspectos-chave para a compreensão das análises e discussões, como se vê adiante. A necessidade de se trabalhar esses conceitos proporciona uma maior maturidade para as bases teóricas e conhecimento das habilidades importantes no âmbito acadêmico.

3.1 Comportamento dos discentes no âmbito acadêmico

Alterações no cenário da educação superior nacional, especialmente a partir da década de 1990, têm gerado a necessidade de investigação acerca de aspectos comportamentais relacionados ao seu público-alvo, principalmente se considerada a importância da formação de nível superior na sociedade e a sua recente popularização (TRINDADE, 2003).

Os cursos de Bacharelado em Administração devem estabelecer condições mínimas necessárias para que o graduando esteja capacitado a compreender questões científicas, técnicas, sociais e econômicas, bem como desenvolver o gerenciamento e a assimilação de novas informações, apresentando flexibilidade intelectual e adaptabilidade às diversas situações presentes ou emergentes nos vários segmentos do campo de atuação do administrador (BRASIL, 2003). Antecipando-se à determinação oficial, Santos (2000) afirma que na universidade o aluno precisa ser preparado para um papel atuante na sociedade através de um desenvolvimento integral.

Nesse contexto, diferentes circunstâncias poderão subvencionar desafios

que atuarão como mola propulsora ou depreciativa do comportamento do discente de Administração. De acordo Gil (2009, p.43) “os estudantes não constituem uma massa homogênea” sendo portanto, necessárias investigações complexas que identifique variáveis influenciadoras do desempenho acadêmico, “principalmente aquelas que se constituem não educacionais como a capacidade de aprender, que podem ser físicas, psicológicas ou ambientais” (GIL, 2009, p. 53).

Abordagens teóricas mais recentes acerca dos desafios enfrentados pelos discentes no ensino superior buscam desvincular-se do discurso unânime sobre temáticas recorrentes como ética (TANIGUCHI *et. al.*, 2011) e desempenho acadêmico (CORDEIRO; SILVA, 2011). Percebe-se, também, que novos enfoques surgem decorrentes das contingências próprias da realidade sob a qual a conjuntura acadêmica está subjugada, como o processo de ensino-aprendizagem mediado por tecnologias (BRUNETTA *et al.*, 2011), plágio da autoria acadêmica (GONÇALVES, NOLDIN, GONÇALVES, 2011), entre outros que norteiam as pesquisas educacionais. É importante ressaltar também que estudiosos têm buscado mensurar a realidade das contingências acadêmicas e seus efeitos no comportamento discente (e. g. ALMEIDA, 1998; VENDRAMINI *et. al.*, 2011).

Todavia, Vergara e Amaral (2010) advogam que o processo educativo precisa ser concebido de forma a possibilitar ao aluno a capacidade de lidar com desafios, ameaças e oportunidades de forma flexível e ágil diante das incertezas. Neste sentido, Cunha e Carrilho (2005, p. 217) afirmam que

[...] as dificuldades ao contexto universitário são de diversas naturezas passando tanto pelas questões individuais dos alunos como também pelas novas exigências acadêmicas e o novo ambiente, influenciando o desempenho e o desenvolvimento psicossocial dos estudantes.

Diante da diversidade de ocorrências no âmbito universitário, não se pode desconsiderar que aspectos inerentes à personalidade serão decisivos na forma de enfrentamento. O impacto dos desafios enquanto fonte simultânea de estimulação e de dificuldades, dependerá das características pessoais do estudante (ALMEIDA, 1998). Nessa perspectiva, concebe-se que o nível de resiliência pode explicar parcialmente os diversos tipos de comportamentos do estudante face às dificuldades na vida acadêmica.

3.2 A Resiliência no âmbito acadêmico

O termo resiliência é advindo inicialmente das ciências exatas com o objetivo de explicar quando um corpo volta ao seu estado normal após ele ter sofrido algum tipo de pressão externa (YUNES, 2001). Utilizada nas ciências sociais aplicadas, a palavra resiliência possui sentido semelhante, designando a capacidade das pessoas em resistir a pressões, ou como a habilidade de superar crises. De acordo com Tavares (2001) a resiliência não deve ser apenas um atributo individual, porém pode caracterizar instituições/organizações, gerando, assim, uma sociedade mais resiliente.

O estudo da resiliência é considerado relativamente novo pelos pesquisadores. Os primeiros autores introduziram o termo invulnerabilidade na abordagem da psicopatologia do desenvolvimento, descrevendo que crianças, quando submetidas a longos períodos de

adversidades e estresse psicológico, apresentavam saúde emocional e alta competência (WERNER, SMITH, 1992). A resiliência aplicada na perspectiva escolar, foi definida por Henderson e Milstein (2008) como a capacidade de recuperar-se, sobrepor-se e adaptar-se de forma exitosa perante alguma adversidade, e de desenvolver competência social, acadêmica e vocacional diante de tensões. Sob a mesma perspectiva, ressalta-se que:

A resiliência pode ser definida como uma capacidade universal que possibilita a pessoa, grupo ou comunidade prevenir, minimizar ou superar os efeitos nocivos das adversidades, inclusive saindo dessas situações fortalecida ou até mesmo transformada, porém não ileso (MOTA *et al.*, 2006, p.58).

As pessoas mais resilientes possuem maiores chances de superar os desafios do mercado atual, pois são capazes de enfrentar qualquer tipo de dificuldade. (PETTINELLI, 2009). No Contexto organizacional os indivíduos que sabem lidar com pressões e cumprir os prazos, dentre outras situações adversas, conseguem superar os desafios com maior facilidade (TARAPANOFF, 2009).

Segundo Tavares (2001) e Amparo *et al.*(2008) existem três dimensões no contexto da resiliência: Acadêmica, Social e Emocional. Será enfatizada a dimensão acadêmica da resiliência, na qual é definida pelo bom desempenho acadêmico e interesse nas tarefas universitárias e culturais. Segundo Sousa (2008) as crianças e jovens resilientes, no ambiente educacional, são mais autônomas, possuem elevada autoestima, e uma orientação social positiva. Estudos aprofundados do *Department of Education National Research Center (USA)*, através do *Center for Education in the Inner Cities (CEIC)* e o *Center for Research on Education, Diversity & Excellence (CREDE)* revelaram as diferenças entre alunos resilientes e não resilientes. Os alunos considerados resilientes são mais perceptivos nos aspectos de envolvimento na sala de aula, ao nível de adesão à orientação para as tarefas; aderem melhor às regras; e possuem altos níveis de satisfação acadêmica (WAXMAN; PÁDRON *et al.*, 2002).

Por sua vez, os alunos considerados não resilientes, ou que apresentaram baixos índices de resiliência, mostram-se menos motivados e focados, e desempenho acadêmico inferior quando comparados aos resilientes. No estudo realizado por Waxman, Huang e Wang (1997) foi observado que os alunos resilientes apresentam maior facilidade de compreensão durante as aulas, e maiores expectativas em relação ao projeto de vida do que os alunos não resilientes. A mesma pesquisa demonstrou que os resilientes passavam mais tempo interagindo com professores com objetivos de esclarecimentos, enquanto os não resilientes aproveitavam o tempo para interagir com os colegas sobre assuntos de ordem pessoal ou social, assumindo assim, uma relação de coexistência entre níveis baixos de resiliência e distrabilidade, assim como comportamentos destrutivos (SOUSA, 2008).

É evidente que o nível de resiliência variará em diferentes grupos e será condizente com a realidade social de cada grupo sem desconsiderar, obviamente, particularidades próprias de cada indivíduo, pois, para Bonanno (2004) são múltiplos e, às vezes, inesperados os caminhos à resiliência. Para o autor, sentimentos de desamparo, desesperança e vulnerabilidade são exemplos de condições propulsoras da resiliência nos indivíduos. Neste sentido, é oportuno ressaltar como se manifesta o comportamento resiliente no universo de grupos por faixa etária, gênero e nos considerados religiosos.

Algumas pesquisas no campo da Psicologia têm demonstrado que o nível de resiliência varia de acordo com a idade, revelando que quanto maior a idade mais resiliente é o indivíduo. Em um estudo apenas com crianças, foi observado que crianças mais velhas tinham maior Capacidade de Iniciativa quando comparadas à crianças mais jovens, utilizando-se a Empatia e a Capacidade de Iniciativa como fatores de mensuração da

resiliência, segundo a pesquisa de Cerconello (2000). Assim, corroboram com a literatura (KLIEWER, 1991; LAFRANIERE; DUMAS, 1996) quando afirmam que crianças mais jovens possuem menos estratégias para lidar com as adversidades, visto estarem no estágio de formação das habilidades cognitivas, e ainda possuírem uma experiência de vida limitada.

Em outra perspectiva, um estudo que avaliou a resiliência com pacientes de diversos tipos de enfermidades, os resultados indicaram que os pacientes com maior idade são mais resilientes quando comparados à população jovem, sendo comprovado com menores níveis de depressão e ansiedade (CONSTANZO; RYFF; SINGER, 2009). Uma pesquisa realizada com idosos também confirmou que quanto maior a idade, maior grau de resiliência, apresentado por ideias de independência e determinação (RESENDE *et al.*, 2010).

De acordo com Resende *et al.* (2010), a terceira idade e a resiliência também estão relacionados com experiência, maturidade e solidariedade. No contexto organizacional também foram encontrados trabalhos que coadunam com tal pensamento. Segundo Santos (2011) em uma pesquisa realizada com empreendedores associando a resiliência do gestor com o sucesso do empreendimento no contexto das micro e pequenas empresas, foi observado que quanto maior a idade do empreendedor maior era o nível de resiliência, sendo evidenciado na correlação com a Proatividade e Experiência.

Considerando, então, os estudos supracitados e a diversidade das áreas que abordaram a relação entre idade e resiliência, notou-se convergência de resultados que apontam que indivíduos com maior idade são mais resilientes. Desse modo, compreende-se esta tendência com a possibilidade de admitir que a resiliência está relacionada com o fator idade.

Para Braga (2009) as mulheres são naturalmente resilientes em virtude de seu processo histórico de opressão originado nos primórdios da humanidade.

O gênero feminino vive sob dominação, opressão e submissão ao masculino. Essa situação aponta para a sua capacidade de resiliência, ao longo de sua existência, e a luta travada para transformar as desigualdades, a discriminação e a subalternidade a que são submetidas (BRAGA, 2009, p.15).

Para Miller (2006) a cultura é o principal fator que conduz à visão de fragilidade em torno da mulher, pois nesta condição encara a mulher como vulnerável e incapaz de realizar determinadas ações. Cavalcanti (2007) esclarece que apesar de todo avanço e conquista de direitos por parte das mulheres ainda se observam situações de desigualdade entre os gêneros e que o homem ainda é privilegiado tendo mais acesso a educação e empregos bem remunerados. Sendo assim, Trigueiro (2011) salienta que as mulheres tendem a desenvolver um comportamento mais resiliente por estarem sujeitas a situações mais opressoras que os homens.

Em consonância ao exposto, o Censo (2010) explicita que, embora as mulheres representem 51% da população nacional, elas recebem salários inferiores aos dos homens em todos os níveis de escolaridade. Tal realidade é mais significativa nas remunerações mais elevadas. No mercado formal o total de mulheres ocupadas recebe 74% do rendimento médio dos homens ocupados e no mercado informal esta diferença é mais significativa chegando a 63% (IBGE, 2010).

No que diz respeito à resiliência associada à religiosidade é oportuno destacar que para Peres, Simão e Naselo (2007) a percepção que o sujeito tem do mundo está subordinada às suas crenças. Embora a literatura que relacione religiosidade e resiliência não seja abundante (LARROSA, 2011) os estudos já realizados indicam que ser religioso é uma condição que conduz à resiliência (FERREIRA, 2009).

Na visão de Boff (2001) a espiritualidade é a capacidade de se deixar impregnar e orientar a vida pela vivência da transcendência. Quando a espiritualidade é sentida como a presença de um transcendente ou de Deus, não só como algo interior, pode-se falar em espiritualidade religiosa ou religiosidade. Para Larrosa (2011) o conceito de espiritualidade se sobrepõe à religiosidade, sendo, portanto, os termos espiritualidade ou religiosidade, mais apropriado e não excludente.

No Brasil, país tradicionalmente religioso, o Censo 2010 revelou que cerca de 65% da população declara-se Católica e 23% pertencente às Religiões Evangélicas (IBGE, 2010). Entre a população jovem brasileira, Larrosa (2011) enfatiza que muitos se consideram pertencentes a uma religião mas não a praticam ou a vivenciam formalmente sem encontrar um significado espiritual nela.

Lacayo (2007) afirma que a espiritualidade pode ser a mais importante das características da pessoa resiliente e a que mais produz resultados favoráveis no manejo da adversidade. Para Walsh (2003) a religião e a espiritualidade podem ser recursos terapêuticos poderosos para a recuperação, a cura e a resiliência. Na visão de Assis, Pesce e Avancini (2006) participar de uma religião contribui para a sensação de proteção dos jovens, já que ajuda a enfrentar adversidades inevitáveis.

Diante do exposto, como possíveis respostas ao problema suscitado, foram elencadas as seguintes hipóteses:

- H₁: Os discentes de Administração com faixa etária menor apresentam resiliência mais baixa;
- H₂: A religiosidade influencia positivamente a resiliência dos discentes de Administração;
- H₃: Entre os discentes de Administração, as mulheres apresentam resiliência maior que os homens.

Para testar as hipóteses suscitadas, foram realizados procedimentos metodológicos a partir da orientação teórica, conforme apresentados a seguir.

4 METODOLOGIA

O presente estudo é de natureza quantitativa que, segundo Beuren (2008, p.92), “caracteriza-se pelo emprego de instrumentos estatísticos, tanto na coleta como no tratamento dos dados”. Segundo Vergara (2009), a metodologia pode ser definida quanto aos fins e quanto aos meios. Quanto aos fins, esta pesquisa pode ser definida como exploratória, pois se trata de uma área na qual há pouco conhecimento acumulado e sistematizado, bem como descritiva, haja vista que serão expostas as características de determinada população. Quanto aos meios, o presente artigo caracteriza-se como pesquisa bibliográfica e de campo.

Para efeito de cálculo da amostra, considera-se o universo estimado dos discentes regularmente matriculados os cursos de Administração da Universidade Federal do Ceará e da Universidade Estadual do Ceará no semestre 2012.1. O cálculo da amostra utiliza fórmula apresentada por Barbetta (2004): $n = \frac{N \times n_0}{N + n_0}$

Sendo:

- N = Tamanho estimado do universo: 2087;
- n₀ = primeira aproximação do tamanho da amostra;

A primeira aproximação do tamanho da amostra foi calculada pela fórmula
Sendo:

- E = erro amostral tolerável, estabelecido em 5%.

Considerando um erro tolerável de 5% (0,05), o cálculo foi:

- $1/E^2 = 1/0,0025 = 400$.

O cálculo da amostra (n) foi feito utilizando a primeira fórmula de Barbetta (2004), apresentada acima, ou seja: $n = \frac{2087 \times 400}{2.087 + 400} = \frac{834.800}{2.487} = 335,66$

- $n = 336$.

De acordo com os cálculos acima, considerando o universo de 2087 discentes regularmente matriculados nos cursos de duas universidades públicas do Estado do Ceará, no semestre 2012.1, o número de questionários a serem aplicados era de 336, para um erro tolerável de 5%, sendo que participaram da pesquisa **361** estudantes, pois não houve necessidade de exclusão de nenhum questionário por preenchimento incorreto ou incompleto.

A aplicação dos questionários foi realizada no mês de maio de 2012 nos períodos de manhã e noite por três pesquisadores que deram instruções sobre como respondê-los. Estes entrevistaram o mínimo possível no processo de aplicação, dando apenas explicações quando solicitados, evitando emitir significados diferentes daqueles atribuídos pelos respondentes. Cada sujeito gastou em média 15 (quinze) minutos para finalizar o preenchimento do questionário.

Foi utilizado como instrumento de pesquisa um questionário estruturado dividido em duas partes. A primeira parte apresenta a escala de resiliência, na qual foi adotada a partir da Escala de Wagnild e Young (1993), traduzida e validada por Pesce *et al.* (2005), e adaptada por Bachi (2011). A escala é composta por 25 enunciados e foram analisadas por uma escala tipo *Likert* composta por (cinco) pontos em que os respondentes a: (1) Discordo totalmente; (2) Discordo pouco; (3) Não concordo nem discordo; (4) Concordo pouco; ou (5) Concordo totalmente.

Além dessas questões, foram incluídas outras de natureza sociodemográfica, tais como registro de gênero, idade e estado civil e religiosidade para caracterização dos respondentes e no intuito de testar as hipóteses levantadas. No intuito de responder ao questionamento de pesquisa levantado no início e testar as hipóteses construídas para esta pesquisa, os dados foram trabalhados no *software* SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 19.0, módulos de estatística descritiva, Análise Fatorial, Análise de Variância (ANOVA) e Análise Discriminante. Os resultados obtidos a partir da análise dos dados são apresentados a seguir.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise preliminar dos resultados revelou que, quanto ao gênero, houve uma distribuição homogênea, já que 49% dos entrevistados eram do gênero masculino e 51% do gênero do feminino, com predominância de faixa etária entre 20 e 30 anos. Quanto à religiosidade, 42% afirmaram-se religiosos praticantes, outros 42% afirmaram ser religiosos não praticantes, e apenas 16% afirmaram não ter religião.

No que diz respeito à ocupação, 62% afirmaram só estudar ou estudar e estagiar, ou seja, pode-se considerar que a maior parte dos respondentes tem mais tempo disponível para a vida acadêmica o que pode contribuir para uma maior veracidade das afirmativas à pesquisa de campo. No tocante ao estado civil, observou-se que 91% dos indivíduos declararam-se solteiros enquanto 9% eram casados ou separados e com predominância de

renda familiar entre 02 a 10 salários mínimos.

Inicialmente, optou-se por analisar a confiabilidade da escala utilizada. O instrumento mostrou-se apropriado após ajustes descritos abaixo e orientados pela literatura (e.g. CORRAR; PAULO; DIAS FILHO, 2011; FIELD, 2009). Na análise de confiabilidade, todas as variáveis apresentaram valor de *alpha* de Cronbach superior a 0,6. O *alpha* de Cronbach do conjunto foi de 0,663. Em seguida, identificaram-se as possíveis sentenças invertidas. Identificada a sentença “Eu não insisto em coisas sobre as quais eu não posso fazer nada” realizou-se sua inversão por meio do comando *Transforme/Compute Variable*. O objetivo principal foi evitar que a sentença invertida interfira negativamente no *alpha* de Cronbach (FIELD, 2009). Assim, a nova variável foi denominada de Q27.

Optou-se, ainda, pela eliminação de quatro variáveis cuja permanência enfraquecia o instrumento, seguindo as orientações de Field (2009). Após a exclusão das sentenças, o *alpha* de Cronbach Global passou para 0,722 demonstrando assim, boa confiabilidade da escala.

O segundo passo foi identificar as dimensões da variabilidade das variáveis por meio da Análise Fatorial (AF) do instrumento, sem fixar número de fatores. Na AF o teste de esfericidade de Bartlett indicou que os dados são adequados para esta análise, pois foi significativo ao nível de 0,0% ($\chi^2= 970,634$) e o teste de Kaiser-Meyer-Olkin, foi maior que 0,7 (KMO=0,726). Seguindo a recomendação de Corrar, Paulo e Dias Filho (2011) foram eliminadas cinco variáveis, que apresentavam comunalidades abaixo de 0,5. Após esta eliminação, repetiu-se a aplicação da AF e percebendo que outras duas variáveis não apresentavam nenhum escore, elas foram eliminadas da AF. Por fim, permaneceram 15 variáveis distribuídas em seis fatores que, em conjunto, explicaram 58,45% da variância total, conforme Tabela 1. Este percentual é considerado bom para as ciências sociais (CORRAR, PAULO, DIAS FILHO, 2011; FIELD, 2009).

Tabela 1- Análise Fatorial Resiliência

Variáveis	Fatores					
	Atitude Pessoal	Motivação Intrínseca	Características Pessoais	Auto determinação	Adaptabilidade	Individualismo
1. Eu sou disciplinado	0,767					
2. Eu mantenho interesse nas coisas	0,745					
3. Eu tenho energia suficiente para fazer o que eu tenho que fazer	0,639					
4. Eu normalmente posso achar motivo para rir		0,729				
5. Minha crença em mim mesmo me leva a atravessar tempos difíceis		0,663				
6. Em uma emergência, eu sou uma pessoa em quem as pessoas podem contar		0,558				
7. Eu sou amigo de mim mesmo		0,506				
8. Eu costumo aceitar as coisas sem muita preocupação			0,784			
9. Eu faço as coisas um dia de cada vez			0,784			
10. Eu sinto que posso lidar com várias coisas ao mesmo tempo				0,631		
11. Ao fazer planos eu os levo até o fim				0,605		
12. Tudo bem se há pessoas que não gostam de mim					0,701	
13. Quando eu estou numa situação difícil, eu normalmente acho uma saída					0,564	
14. Eu sou capaz de depender de mim mais do que qualquer outra pessoa						0,824
15. Eu posso estar por minha conta se eu precisar						0,672

Fonte: Dados da pesquisa

A AF acima demonstra como o construto Resiliência apresenta-se na amostra abordada. Percebe-se que após o tratamento, os dados originados refletem aspectos relacionados à personalidade, porém, alguns deles, com orientação para o meio externo. No intuito de verificar a importância dada a cada fator gerado, optou-se por tirar a média de cada fator, conforme explicitado na Tabela 2.

Tabela 2 – Médias finais dos fatores

Fatores Resiliência	Média	S
Motivação intrínseca	4,34	0,867
Atitude Pessoal	4,10	0,933
Adaptabilidade	3,96	2,067
Autodeterminação	3,95	0,933
Individualismo	3,80	1,184
Características Pessoais	2,90	1,293

Fonte: Dados da Pesquisa

Analisando a Tabela 2 observa-se que os fatores com a maior menor média foram Motivação Intrínseca (4,34) e Atitude Pessoal (4,10). Percebe-se portanto, que os discentes se identificam mais com fatores que, embora descrevam aspectos pessoais, se reportam a interesses e ações atreladas diretamente ao meio externo.

A partir da análise estatística utilizando-se a ANOVA buscou-se testar as hipóteses 1 e 2. Os resultados estão na Tabela 3 adiante.

Tabela 3 - ANOVA - Resiliência x Faixa etária

Fatores Resiliência	Até 20 anos	De 21 a 30 anos	De 31 a 40 anos	De 41 a 50 anos	Σ	F	Sig
Atitude Pessoal	3,98	4,16	4,07	4,83	0,98	1,85	0,33
Motivação Intrínseca	4,29	4,41	3,72	4,00	0,74	4,16	0,06
Características	2,78	2,98	2,89	2,75	1,68	0,71	0,56
Autodeterminação	3,93	3,97	4,11	4,50	0,87	1,80	0,15
Adaptabilidade	3,79	4,08	3,50	4,00	1,10	3,38	0,02*
Individualismo	3,65	3,87	4,34	3,50	1,39	1,82	0,21

Fonte: Dados da pesquisa

Notas: *Significante ao nível de 0,05

Embora os resultados evidenciem que os estudantes com faixa etária entre 41 e 50 anos são mais resilientes que os mais jovens, a variável Idade é significativa para o fator Adaptabilidade. Para os demais fatores, a Idade não faz diferença. Verificou-se também que entre as quatro faixas etárias elencadas, os respondentes “até 20 anos” apresentaram menor resiliência em relação aos demais, conforme a Tabela 3.

A segunda hipótese formulada foi quanto à religiosidade. Como pode ser analisada na Tabela 4.

Tabela 4 - ANOVA - Resiliência x Religiosidade

Fatores Resiliência	Religioso praticante	Religioso não praticante	Não possui religião	S	F	sig
Atitude Pessoal	4,20	4,03	4,04	0,87	1,68	0,34
Motivação Intrínseca	4,52	4,32	4,25	0,76	2,11	0,30
Características pessoais	2,92	2,76	2,74	1,65	3,56	0,13
Autodeterminação	3,97	3,91	4,06	0,87	1,03	0,05
Adaptabilidade	3,93	3,93	4,14	1,12	1,78	0,17
Individualismo	3,72	3,81	3,99	1,40	1,35	0,36

Fonte: Dados da Pesquisa

Os discentes de Administração que afirmaram ter alguma religião, na condição de praticante ou não, apresentaram níveis de resiliência semelhantes àqueles que disseram que não têm religião. Dentre os construtos da resiliência, observou-se que, no fator

Autodeterminação, foi encontrado nível de significância de 0,05, representando que as médias são estatisticamente diferentes. Possivelmente, essa diferença se deve ao fato de que as pessoas sem religião (média de 4,06) tendem a assumir as responsabilidades pelas suas escolhas.

No intuito de testar a hipótese 3 realizou-se uma análise discriminante que permitiu verificar as diferenças entre os grupos (HAIR, 2005). A segmentação para este caso foi feita por gênero. Na primeira etapa, realizou-se a definição dos grupos, isto é, a definição das variáveis categóricas a serem utilizadas. No presente estudo, o parâmetro utilizado para o agrupamento da resiliência foi o gênero: feminino (grupo 1) e masculino (grupo 2). Na segunda etapa, escolheram-se as variáveis independentes métricas que discriminaram as variáveis dependentes. Os resultados encontram-se na Tabela 5.

Tabela 5 - Resultados da Análise Discriminante *stepwise*

Passo	Variáveis independentes	Lambda de Wilk	D ²	Sig.
1	Eu sinto que posso lidar com várias coisas o mesmo tempo	0,986	5,16	0,024
2	Ao fazer planos, e os levo sempre até o fim	0,973	4,91	0,008
3	Eu posso estar por minha conta se eu precisar	0,961	4,78	0,003
4	Quando eu estou numa situação difícil, eu normalmente acho uma saída	0,950	4,69	0,001

Fonte: Dados da Pesquisa

Os resultados da análise discriminante mostraram que quatro variáveis independentes (**Eu sinto que posso lidar com várias coisas ao mesmo tempo; Ao fazer planos, eu os levo sempre até o fim; Eu posso estar por minha conta se eu precisar; Quando eu estou numa situação difícil; Eu, normalmente, acho uma saída**) discriminam as variáveis dependentes. A Tabela 5 apresenta a estatística *Wilk's Lambda* e os valores de D² (Mahalanobis), que foram obtidos por meio do F exato além do nível de significância de cada variável de cada variável selecionada.

Por sua vez, a Tabela 6 apresenta os coeficientes da função discriminante canônica padronizada.

Tabela 6 - Coeficientes da Função Discriminante Canônica

Variáveis independentes	Coeficientes da Função
Eu sinto que posso lidar com várias coisas ao mesmo tempo	-0,590
Ao fazer planos, eu os levo sempre até o fim	0,622
Quando eu estou numa situação difícil, eu normalmente acho uma saída	-0,067
Eu sinto que posso lidar com várias coisas ao mesmo tempo	0,490

Fonte: Dados da Pesquisa

Esta tabela mostra que a variável **Ao fazer planos, eu os levo até o fim** é a que possui uma contribuição maior na função discriminante (0,622), seguida das variáveis **Eu posso estar por minha conta se eu precisar** (0,490), **Eu sinto que posso lidar com várias**

coisas ao mesmo tempo (-0,590), e Quando eu estou numa situação difícil, eu normalmente acho uma saída (-0,672).

Na tabela 7, são apresentados os resultados do teste *Wilk's Lambda*.

Tabela 7 - Teste Wilk's Lambda

Teste da função	Lambda de Wilk	Chi-Quadrado	Df	Sig
1	0,95	18,334	4	0,001

Fonte: Dados da Pesquisa

A análise discriminante processou uma função com nível de significância **0,001** e *Chi-square* 18,334, formada a partir das variáveis pesquisadas. O coeficiente de correlação canônica encontrado, incluindo as quatro variáveis selecionadas pelo procedimento *stepwise*, foi de 0,224, indicando que a função discriminante possui um grau de significância não tão alto, mas relevante para os grupos estudados. Ressalta-se ainda, que os resultados, por serem na área das ciências sociais aplicadas, podem ser influenciados por uma série de outras variáveis não previstas no modelo. Os dados coletados e a função discriminante obtida são importantes elementos no entendimento da questão de pesquisa levantada que contribuirá para futuros estudos.

A partir da função discriminante, foram calculados os *scores* para cada observação realizada, sendo, assim, possível classificar se um valor observado nas variáveis independentes é proveniente de um aluno(a) do curso de Administração do gênero feminino ou masculino.

6 CONCLUSÃO

Os estudos comprovaram que a mensuração da resiliência ainda é uma pesquisa relativamente nova, com amplas possibilidades de reaplicações e adaptações. No âmbito da mensuração dos discentes de Administração segmentados por faixa etária, religiosidade e gênero, os resultados permitem inferir que existem diferenças que precisam ser consideradas.

Quanto à faixa etária, verificou-se que o único fator que apresentou significância foi a Adaptabilidade, demonstrando que é condicionante da resiliência em que pese a idade ter influência no nível da resiliência dos estudantes. Desse modo, a hipótese não pode ser confirmada em virtude de não ter apresentado valores estatisticamente significantes em todos os seus fatores.

No aspecto da religiosidade, também, não foram encontradas diferenças estatisticamente significantes, apresentando pouca variação entre os que responderam crer em alguma religião e vivenciar, bem como crer e não ser atuante, ou não ter religião. Observa-se que o único fator que apresentou significância estatística foi da Autodeterminação. Portanto, as duas primeiras hipóteses não foram confirmadas por não terem apresentados resultados estatísticos que permitam inferir se há diferença entre os grupos.

Diferentemente dos primeiros aspectos analisados, a análise da resiliência nessa amostra, com base no gênero dos respondentes, foi a que apresentou maior diferença. Embora não tenha sido possível inferir qual dos dois grupos possui o maior nível de resiliência, os dados evidenciaram que os grupos reagem de maneira diferente em relação ao tema. O resultado aponta também um norte para futuras pesquisas com diferentes inferências.

De forma geral, o estudo da resiliência propicia a compreensão do comportamento humano em sociedade e mais precisamente nas organizações. As organizações, de uma forma geral, podem se valer do conhecimento acerca da resiliência de tal grupo como meio de

compreender seu comportamento e sua capacidade de reagir diante das contingências naturais do mercado.

A utilização desse instrumento para mensurar a resiliência possibilita o recorte de diversas análises nas organizações e instituições de ensino, como no presente estudo. Com base nos resultados, percebe-se uma lacuna para outros estudos com uma amostra maior, e com outras variáveis. Na presente pesquisa, observou-se um equilíbrio entre as variáveis (faixa etária, religiosidade e gênero) em relação à forma como a resiliência se apresenta. Assim, criam-se oportunidades de estudos com as mesmas variáveis utilizando outras variáveis dependentes, como semestre cursado, correlacionando com o aproveitamento acadêmico, por exemplo, ou até mesmo alterando o sujeito da pesquisa, mensurando o nível de resiliência dos docentes.

Nesse contexto, o presente estudo contribui para a solidificação do constructo a partir de um prisma diferenciado na abordagem do comportamento organizacional, e vislumbra reflexões acerca da resiliência como forma de compreender o comportamento humano nas diversas ocasiões em que estão inseridas. Assim, apesar das limitações do estudo, contemplou-se uma análise que mensurasse a resiliência a partir de uma escala validada e com aplicabilidade em outras pesquisas. Finalmente, sugere-se a replicação em outras IES e em outras regiões geográficas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. S. Questionário de vivências acadêmicas para jovens universitários: estudos de construção e de validação. **Revista Galego Portuguesa de Psicologia e Educação**, Coruña, v. 2, n.3, 1998, p. 113-130. Disponível em: < http://ruc.udc.es/dspace/bitstream/2183/6662/1/RGP_3-8.pdf >. Acesso em: 11 jan. 2012.

AMPARO, D. M. do. *et al.* Adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial: redes de apoio social e fatores pessoais de proteção. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.13, n.2, 2008, p. 165-174. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n2/09.pdf> >. Acesso em: 11 jun. 2012.

ANGST, R.; AMORIM, C. A. A. Resiliência em acadêmicos de Pedagogia. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE E I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE DE EDUCAÇÃO - SIRSSE, 10., 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011. p. 1-12.

ASSIS, S. G. PESCE, R. P. AVANCI, J. Q. **Resiliência**: enfatizando a proteção dos adolescentes. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BACHI, G. **Entre o *tripalium* e a resiliência**: um estudo sobre a correlação entre o assédio moral e a resiliência. 2011. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

BARBETTA, P. A. **Estatística Aplicada às Ciências Sociais**. 5. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

BEUREN, I. M. (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em Contabilidade**: Teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2008.

BRASIL. Parecer nº CES/CNE 0134/2003 de 4 de junho de 2003. Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Administração, Bacharelado, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 5 set. 2003. Disponível em: <portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2003/pces134_03.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2012.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade: um caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

CATUSO, R. L.; CAMPANA, A. N. N. B; TAVARES, M. C. G. C. F. A Resiliência e a imagem corporal de adolescentes e adultos com mielomeningocele. **HU Revista**, Juiz de Fora, v. 36, n. 1, p. 37-45, jan./mar. 2010. Disponível em: <www.seer.ufjf.br/index.php/hurevista/article/download/838/329>. Acesso em: 29 jun. 2012.

CONSTANZO, E. S.; RYFF C. D.; SINGER, B. H. Psychosocial adjustment among cancer survivors: findings from a national survey of health and well-being. **Health psychology**, Londres, v. 28, n. 2, p. 147-156. mar. 2009. Disponível em: <<http://aging.wisc.edu/pdfs/2492.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2012.

CORRAR, L. J.; PAULO, Luiz; DIAS FILHO, J. M. (Org.). **Análise multivariada**. São Paulo: Atlas, 2011.

COUTO, M. C. P. P. **Fatores de risco e de proteção na promoção de resiliência no envelhecimento**. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

CUNHA, S. M. CARRILHO, D. M. O processo de adaptação ao ensino superior e o rendimento acadêmico - Adaptação e rendimento acadêmico. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 9, n. 2, p.215-224, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v9n2/v9n2a04.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2012.

GIL, A. C. **Didática do ensino superior**. São Paulo: Atlas, 2009.

GONÇALVES, H.H.L. NOLDIN, P.H.P. GONÇALVES, C.C. O recurso do plágio em trabalhos acadêmico-científicos: Um tema em questão. **Revista da Unifebe** n 9, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.unifebe.edu.br/revistadaunifebe/20112/artigo007.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2012.

HENDERSON, N.; MILSTEIN, M.. **Resiliencia en la escuela**. 1. ed. Buenos Aires: Paidós, 2008.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/default_censo_2010.shtm>. Acesso em: 22 jun. 2012.

KLIEWER, W. Coping in middle childhood: relations to competence, type A behavior, monitoring, blunting, and locus of control. **Developmental Psychology**, v. 27, n. 4, p.689-697, jul. 1991.

LAFRENIERE, P. J.; DUMAS, J. E. Social competence and behavior evaluation in children ages 3 to 6 years: the short form (SCBE-30). **Psychological Assessment**, v.8, n. 4, p.369-377, dez. 1996.

RIVAS LACAYO R, A. **Saber crecer**: resiliencia y espiritualidad. Barcelona: Urano, 2007.

MOTA, D. C. G. D.; BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. GOMES, M. L.; ARAÚJO, S. M. Estresse e resiliência em doença de chagas. **Aletheia**, Canoas, v. 24, p. 57-68, jul./dez. 2006. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n24/n24a06.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2012.

PESCE, R. P. *et al.* Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. **Cadernos de saúde pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 436-448, mar./abr. 2005.

PETTINELLI, M. L. Dar a volta por cima. In: TARAPANOFF, F. Dar a volta por cima. **Melhor de Gestão de Pessoas**, São Paulo, v. 255, fev. 2009. Disponível em: < <http://www.revistamelhor.com.br/textos/255/artigo223485-1.asp>>. Acesso em: 11 Jul. 2012.

RESENDE, M. C. *et al.* Envelhecer atuando: bem-estar subjetivo, apoio social e resiliência em participantes em grupo de teatro. Fractal: **Revista de Psicologia**, Niterói, v. 22, n. 3, p. 591-608, set./dez. 2010.

SANTOS, L.T.M. **Vivências acadêmicas e rendimento escolar**: Estudo com alunos universitários do 1º ano. 2000. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar) – Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga, 2000.

SANTOS, A. C. M. **Resiliência**: um estudo da resiliência do gestor e o sucesso do empreendimento no contexto das micro e pequenas empresas. 2011. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade Campo Limpo Paulista, Campo Limpo Paulista, 2011.

SOUSA, C. S. Competência educativa: o papel da educação para a resiliência. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v.21, n. 31, p. 09-24, 2008.

TAVARES, J. A resiliência na sociedade emergente. In: TAVARES, José (Org.). **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 43-76.

TARAPANOFF, F. Dar a volta por cima. **Melhor de Gestão de Pessoas**, São Paulo, v. 255, fev. 2009. Disponível em: < <http://www.revistamelhor.com.br/textos/255/artigo223485-1.asp>>. Acesso em: 11 Jul. 2012.

TRINDADE, Hélió. O discurso da crise e a reforma universitária necessária da universidade brasileira. In: MOLLIS, Marcela (org.) **Las universidades en América Latina**: ¿reformadas o alteradas? La cosmética del poder financiero. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

VENDRAMINI, C.M.A. *et al.* Construção e validação de uma escala sobre avaliação da vida acadêmica (EAVA). **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, n. 2, p.259-268, 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n2/a07v9n2.pdf> >. Acesso em: 23 jan. 2012.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

VERGARA, S. C. AMARAL, M.M. Reflexões sobre o conceito ‘aluno-cliente’ de instituições de Ensino Superior brasileiras. *In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAD*, 34., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2010. 1 CD-ROM.

YUNES, M. A. M. **A questão triplamente controvertida da resiliência em famílias de baixa renda**. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

WAXMAN, H. C.; HUAANG, S. L.; WANG, M. C. Investigating the multilevel classroom learning environment of resilient and nonresilient student from innercity elementary schools. **International Journal of Educational Research**, v. 27, p. 343-353, 1997.

WAXMAN, H.C.; PADRÓN, Y. N.; POWERS, R. A.; BROWN, A. Evaluation the effects of the pedagogy to improve resiliency program on english language learners. In: MINAYA-ROWE, L. (Ed.), **Teacher Training and effective pedagogy in the context of student adversity**. Greenwich, C. T: Information Age, 2002. p.221-238.

WALSH, Froma. Crisis, trauma, and challenge: A relational resilience approach for healing, transformation, and growth. **Smith College Studies in Social Work**, v. 74, n. 1, p. 49-71, nov. 2003.

WERNER E. E.; SMITH.R.S. **Overcoming the odds: highrisk children from birth to adulthood**. Ithaca/London: Cornell University Press. 1992.